

Estudos Geográficos

Revista Eletrônica de Geografia

O que os corpos revelam?

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior¹  

Leonardo Luiz Silveira da Silva²  

Resumo: Condizente com pressupostos ligados às viradas relacional e afetiva, a problemática incitadora do ensaio – o que os corpos revelam? – desnuda a importância da (inter)corporeidade para as pesquisas mais-que-representacionais. Essa dinamogenia é explorada entremeio aos desdobramentos afetivos e performáticos que pautam as tessituras geográficas dos arranjos relacionais heterogêneos. Nesse sentido, almeja-se desnudar os horizontes epistemológicos acerca da centralidade (inter)corporificada por meio das lentes das distintas abordagens, iniciando na fenomenologia e se direcionando para as teorias dos afetos, de modo a elucidar suas potências, vulnerabilidades e entrelaçamentos mais-que-humanos. Para tanto, levantam-se questões referentes às junções entre corpos e espacialidades em articulação às situacionalidades dos corpos humanos e não-humanos. Estes são tomados como elementos reveladores de acúmulos de espaços-tempos angulados e multifacetados. Conclui-se que o desvelamento das dinâmicas inter e transcorporificadas coadunam para a explicitação das confluências mais-que-humanas, mais-que-representacionais e mais-que-extensivas da realidade geográfica.

Palavras-chave: Corporeidade; intercorporeidade; geografias mais-que-representacionais; afeto.

¹ Professor do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (IGC/UFMG).

² Professor do Colégio Militar de Belo Horizonte (CM/BH).



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

WHAT DO BODIES REVEAL?

Abstract: Closely related to postulates connected to the relational and affective turn, the inciting problematic of the essay – what do bodies reveal – show the importance of (inter)corporeality for more-than-representational research. These dynamics are explored in the performative and affective developments that organize the geographical weaving of assemblages. In this sense, we aim to show the epistemological horizon on the centrality of (inter)corporeal experience through the lenses of distinct approaches, initiating on phenomenology and moving towards the theories on affects, which elucidate its potencies, vulnerabilities and more-than-human interrelations. To do so, we employed questions related to the junctions between bodies and spatialities in articulation with the situationality of human and non-human bodies. These are understood as elements that reveal the accumulation of angulated and multifaceted spaces-times. It is concluded that the unravelling of inter and transcorporeal dynamics convalesces to show more-than-human, more-than-representational and more-than-extensive confluences of geographical reality.

Keywords: Corporeality; intercorporeality; more-than-representational geographies; affect.

QUE RÉVÈLENT LES CORPS?

Résumé: Conformément aux postulats liés aux tournants relationnel et affectif, la problématique qui sous-tend cet essai – *que révèlent les corps ?* – met à nu l'importance de l'(inter)corporéité pour les recherches plus-que-représentationnelles. Cette dynamogénie est explorée à travers les développements affectifs et performatifs qui structurent les trames géographiques des agencements relationnels hétérogènes. Dans cette perspective, il s'agit de dévoiler les horizons épistémologiques autour de la centralité (inter)corporifiée, à travers le prisme de différentes approches, en commençant par la phénoménologie et en s'orientant vers les théories des affects, afin d'élucider leurs puissances, vulnérabilités et entrelacements plus-que-humains. Pour ce faire, sont soulevées des questions concernant les jonctions entre corps et spatialités, en articulation avec les situations des corps humains et non-humains. Ceux-ci sont considérés comme des éléments révélateurs d'accumulations d'espaces-temps angulés et multiformes. Il en ressort que le dévoilement des dynamiques inter- et transcorporifiées contribue à expliciter les confluences plus-que-humaines, plus-que-représentationnelles et plus-que-extensives de la réalité géographique.

Mots-clé: Corporéité ; intercorporéité ; géographies plus-que-représentationnelles ; affect.

O QUE (NÃO) QUEREMOS REVELAR? (OU... UM ESFORÇO PARA INICIAR O DEBATE)

Corpos desvelam inapeláveis relações inter e transcorpóreas. Os resultados/marcas destas relações muitas vezes não se apresentam no espectro do visível. Por isso é razoável admitir que os corpos revelem sobre as suas relações ou regurgitem o resultado das interações que o envolvem. Manifestações (in)voluntárias evidenciam os excessos do corpo e expõem as reações impactantes que revelam carências/falências que fazem dos corpos protagonistas dos entrelaçamentos geográficos entremeio a horizontes de relações. Para muitos – é de se desconsiderar os acometidos pela síndrome de Munchausen ou apelos hipocondríacos – não é fácil

falar de fragilidades do corpo; todavia, este parece um caminho interessante para integrar uma discussão envolvendo corpo, tempo, inter e transcorporeidade e a consciência de forma a envolver e superar os seres humanos.

Na literatura acadêmica, da jardinagem de Hitchings (2003) aos cogumelos de Tsing (2012), existem experimentações que buscam analisar corpos em perspectivas mais-que-humanas. Neste âmbito, se faz necessário atribuir um sentido mais expansivo ao corpo; mas, ao mesmo tempo, crescem os desafios metodológicos. Essas aproximações mais-que-humanas visam abordar corpos situados em nexos relacionais que se afetam, hibridizam, parasitam, (des)encontram ou tornados ciborgues, facilitando a compreensão de performances bem como as mudanças radicais (ou nem tanto) da materialidade/fisiologia corpórea.

Envoltos em *assemblages* – conceito traduzido nesse ensaio como *arranjos relacionais heterogêneos* – corpos expressam as teias dos enovelamentos dinâmicos que fazem de si um fragmento de um mosaico, um dos elementos primaciais das abordagens mais-que-representacionais (Thrift, 2008). Em razão desse horizonte que inclui e simultaneamente transcende os seres humanos é importante ter em mente a relacionalidade intrínseca à espacialidade e a historicidade dos corpos.

As relações inter e transcorpóreas sempre se manifestam no espaço-tempo: o arranjo relacional heterogêneo se insinua sobre o corpo – e o próprio corpo também se insinua sobre o arranjo – em espacialidades e temporalidades localizadas entre afetos irradiados para além da *res extensa*. Os corpos concomitantemente exalam ausências: carregam por meio de sua experiência marcas de outras espacialidades e temporalidades para além da extensividade, das dicotomias ou da cognoscibilidade.

Assim, é plausível considerar o corpo como registro de dimensões ausentes. É curioso pensar que certos tempos e espaços que buscamos esquecer podem ser carregados conosco ao se tornarem cicatrizes em nossos corpos, tal como é do apanágio de toda a experiência, ainda que algumas sejam mais marcantes do que outras. Em função dessa problemática, a reflexão aqui posta passa pelas potências e fragilidades do corpo de modo a rascunhar muitas de suas (im)possibilidades. Não há dúvidas que o corpo tem muito a dizer entremeio às relações que *nele/dele/por ele/com ele* se revelam.

Destarte, o objetivo desse ensaio é confluir problematizações, reflexões e questionamentos que surgem por meio da questão: *O que os corpos revelam?* Para tanto, tomamos como ponto de partida as reflexões do corpo nas perspectivas

fenomenológicas e sequencialmente as (des)encontramos com as teorias mais-que-representacionais acerca do afeto e das dimensões mais-que-humanas da experiência geográfica.

Nesse trajeto também nos embebemos de nossas próprias coabitações com nossos corpos para encaminhar parte das discussões: Carlos Roberto, tomado pelas irrupções psiquiátricas da dismorfia, e Leonardo Luiz, acometido com a condição de um coração ciborgue. Por meio de duas curtas vinhetas autorais demarcadas em itálico e sem marcação de parágrafo, essas experiências irrompem como caminhos para explicitar e exemplificar parte do que a problemática incitadora propela sobre as dimensões não-humanas, os (des)encaixes, as reciprocidades com a consciência e as multiplicidades de (im)potências dos corpos.

COMO OS CORPOS SE CONSTITUEM E SE REVELAM?

Ter/Ser um corpo é estar embrenhado na mistura que compõe a realidade. Corporeidade faz parte do arranjo fenomenal inescapável por onde os seres se tornam aquilo que podem vir-a-ser. Dessa maneira, pensar o corpo e aquilo que ele revela envolve compreender que se trata de uma condição ontológica, fenomênica e multifacetada. Corpos são pulsões de excessos, (im)potências e (im)possibilidades existenciais que se desdobram rumo ao mundo que os compõem e onde coabitam/são coabitados.

Como veículo do ser-no-mundo (Merleau-Ponty, 2011), o corpo é a possibilidade dos seres em juntarem-se a os meios, misturar-se a eles e se empenhar nos projetos que deles decorrem. Para aqueles que os detém – e que são isocronicamente detidos por eles –, os corpos são coisas-intenções que irradiam nas tramas pululantes da realidade, elementos que se presentificam a todo instante. Eles são simultaneamente constituídos-constituintes que existem como se sempre estivessem estado lá/aqui (Grange, 1985). *Como imaginar nossa vida sem os corpos que nos habitam/que habitamos?*

Essa situacionalidade desvela que apesar de constituído, no caso do animal humano, de rins, fígado, pulmões, olhos e outras peças anatômicas, há algo nos corpos que extravasa dessa constituição estritamente material. São as aglutinações que fazem com que o todo – o corpo – seja mais do que uma mera soma de suas partes. Em concerto, elas permitem uma funcionalidade que está tão além da

constituição material corpórea que é difícil conceber as relações entre as junções entre as partes e a plena atuação da orquestra corpórea; de modo que um corpo que deixa de reger a sinfonia aglutinante revela sua condição de finitude

Como Merleau-Ponty (2016) problematiza, o corpo somente o é como tal ao ser co-constituído pelo espírito que o anima. É a consciência que coloca em movimento a intencionalidade corporal do corpo próprio, sendo que essa consciência é reciprocamente impensável sem a sua corporeidade, posto que existe enquanto fenômeno corporificado (Merleau-Ponty, 2016). O sentido inescapável do corpo advém da latência deiscente de sua emergência como visível-vidente (Merleau-Ponty, 2014): que vê e é visto, é tocado-tocante, é visível-invisível e é pensador-pensado.

Neste mesmo fôlego, Berque (2000) incita que não é apenas a consciência, mas o próprio corpo que, convergente em reciprocidade ao mundo, demanda refletir sobre sua condição. O corpo reflete em termos carnaís aquilo que a consciência pensa, em uma unicidade motriz que constitui um todo ambíguo (Berque, 2000). Abertura e resistência, os corpos se constituem de consciências deles indissociáveis que se transformam continuamente por meio dos encontros intencionais com o cosmo onde coexistem em reversibilidade sensível.

Engrenado e atrelado ao mundo visível, o poder do corpo está na ambiguidade de ser ao mesmo tempo uma *coisa* e algo que é *habitado* – reitera o fenomenólogo francês (Merleau-Ponty, 1960). Inexoravelmente entrelaçado à consciência e intencionalidade, a corporeidade é constituída e constituinte de uma espécie de *onde originário* (Merleau-Ponty, 1960; 2000). Conforme explica a análise merleau-pontiana de Morris (2004), na condição de *aqui primacial*, os corpos nascem simultaneamente aqui-lá, longe-perto e profundo-superficiais; logo, são partícipes do enlace do invisível que pulsa no visível.

É nesse sentido que se pode afirmar, como o faz Vetö (2008, p.414, trad.), que “O corpo, o sujeito corporal, está na origem da espacialidade, ele é o princípio da percepção”. É por meio dessa coisa habitada/habitante que denominamos de corpo que os espaços são percebidos e sentidos. Ecoa-se o que Merleau-Ponty (2000, p.124) aponta ao destrinchar que “Meu corpo é aqui o absoluto. É dele que procedem todos os lugares do espaço”, é por ele que as outras localidades se definem e é a partir dele que as formas ‘ótimas’ desses lugares são definidas.

Onde/aqui primário ou originário, o corpo é geografia que pulsa nos veios das experiências cognoscíveis: ponto de ignição para a convergência fenomênica das

significações espaciais de onde nascem lugares e paisagens. A partir deste raciocínio, é superada a condição objetificada da paisagem e do lugar, na qual é sugerido que o observador é um ente a parte da espacialidade que o entrelaça.

Ao adentrar em um determinado local, afirma Trigg (2012), os corpos extrapolam o óculo-centrismo da percepção visual. Eles também conclamam os aspectos hápticos, multissensoriais e emocionais que os afetam. São os dedos, antenas, galhadas, olhos e patas compósitas como seus apêndices que possibilitam sentir as texturas desse mundo visível e a partir dele contemplar as múltiplas dimensões sensíveis que dele se irradiam. Topologicamente emaranhados no mundo, os corpos se abrem aos lugares que reciprocamente se abrem a eles, de modo a integrar memórias, imaginações e geografias sentidas-sensíveis.

Para além da espacialidade objetiva, euclidiana, cartesiana e extensiva, o corpo é definidor de espacialidades primais que fluem da mistura mundana. De acordo com Vetö (2008), o corpo pode ser entendido como a matriz de onde se funda e se mantém a existência e a articulação estrutural das experiências com as dimensões experienciais do espaço. Cada corpo é um constituído-constituente que é parte e origem do mundo: um nodo originário para a difração de geografias sentidas, vividas e afetadas em uníssono à consciência.

Coabitação por excelência, o corpo é umbilicalmente ligado ao mundo do qual também é constituído. Se é tanto ser-do-mundo quanto no-mundo, conforme aponta Merleau-Ponty (2011; 2014), e o corpo-consciência demonstra essa indissociabilidade a todo momento que convoca ao deslocamento, a ação ou a afetação. Essa condição emerge no movimento corpo-mundo (Morris, 2004) que faz com que um se cruze no outro.

Desta angulação, se difratam múltiplas questões que não possuem resoluções fora da própria potência ambígua da relação corpo-consciência-mundo: *Sou Eu quem me move? É meu Corpo que se move? Ou seria o Mundo que move meu Corpo (e Eu)? Esse Corpo de fato é meu ou ele é do Mundo? Quem somos-sou (n)esse corpo nosso-meu? Minha consciência é autônoma ou é uma resposta inercial às interações do mundo?* Inquietantes, as perguntas-insolvências desvelam que as geografias dos corpos e/ou os corpos das geografias são latências acionais em que a potência motriz, o ato movente e a coisa movida se misturam em deiscência.

Queiroz Filho (2018, p.315, grifos nossos) provoca: **“Corpo que revela o quê? E esconde o quê? Absolutamente nada! Porque meu corpo não serve como**

simbologia, nem reflexo. Não há ritual de passagem, nem cerimônia de comemoração em face de exercícios de transmutação de algo que era e não é mais”. Dessa pulsação de ambivalências em devir, o corpo transcende os contornos simbólico-representacionais que tentam o reduzir a algo: ele se revela como aquilo que resiste à própria revelação. Corpo é potência em movimento afetivo pluralizada como movimento rumo à ontogênese dos fenômenos, os atribuindo um lugar e sendo afetado pelos seus lugares.

Ocorre que, como afirma Merleau-Ponty (1960, p.282, trad.), “O corpo não é nada mais nada menos que a condição de possibilidade da coisa”. Condição-condicionante-condicionada, revelação-(ir)revelada, a corporeidade é a própria potência de possibilidades emergentes das difrações experienciais dos mundos, consciências e corpos que são indissociáveis entre si. Não se estranha, logo, parecer impossível imaginar um mundo antes dos (nossos) corpos-consciência e vice-versa.

Corpos são movidos-moventes constituídos-constituintes pelos mundos nos quais coexistem como coisas-espacialidades-consciências que possibilitam as próprias significações de espaços de onde nascem geografias transcendentais à extensividade. Em acordo às citações de Marandola Jr (2020), esse horizonte mais-que-extensivo é composto por emergências presentificadas e acontecimentos que superam a dicotomização sujeito-objeto.

Confluente às topologias relacionais do *acontecer* (Marandola Jr, 2020), o corpo é lugar por onde podem vir-a-ser-lugares. Coisa-consciência, constituído-constituinte e pensado-pensante, os corpos ancoram a habitação mundana (Trigg, 2012) que, por sua vez, é ancorada nas motricidades entrecruzadas do mundo-corpo/corpo-mundo. Esse *aqui-lá originário* por meio do qual o mundo se manifesta e possibilita a percepção irradia capacidades de afetar e de ser afetado pelas geografias. Ao mesmo tempo, suscita a questão: *É o mundo ou o corpo que me/nos (co)move?*

De fato, talvez nem um nem outro: *ambiguidade*. Corpo-consciência que é ser-no-e-do-mundo, o horizonte presentificado e acontecimental mais-que-extensivo irradia afetos e é por eles irradiado. A todo momento assediados por aquilo que os afeta, os corpos são (co)movidos pelo mundo e (co)movem o mundo, compondo sobreposições de geografias instáveis, situacionais e embaralhadas.

Por detrás desse corpo que cartesianamente foi-nos apresentado pela ciência moderna como algo mecânico, há algo de fenomênico e experiencial que suscita sua

latência pré-cognoscente: “o corpo como ele realmente experiencia as coisas, esse poder animado e preparado que inicia todos os projetos e sofre todas as nossas paixões” – como provoca Abram (1996, p.37, trad.). Inescapáveis, os corpos movem, ardem, doem, incomodam, adoecem, copulam, amam, vomitam, conhecem, esquecem, envelhecem, morrem...

Os corpos se revelam como aberturas latentes de vulnerabilidade. É por estarem abertos hapticamente a dor da queimadura que evitam a chama, mas é também essa mesma capacidade que possibilita sentir o carinho na derme. Corpos são afetações, afetos e afetados pelas experiências dos/nos/pelos mundos e suas geografias, eles são pulsantes da virtualidade dos projetos de vida concomitantemente à sua inexorável finitude.

Em transcendência à representacionalidade e à extensividade, corpos revelam uma vida corporal suscetível, receptível e porosa, “aberta para além das suas capacidades de compreender e absorver” (Thrift, 2008, p.239, trad.). No âmbito mais-que-representacional de uma *geografia do que acontece* (Thrift, 2008), os corpos são pontos nodais daquilo que é impensado, intangível, instável e efêmero. É por meio da corporeidade que parece possível atingir aquilo que excede os fenômenos e emerge na acontecimentalidade situacional dos lugares e das paisagens.

Retomar a topologia acontecimental é também um eco à superação da extensividade (Marandola Jr, 2020). Nesse sentido, o regime relacional deslumbrado na ambiguidade constituinte-constituída dos corpos(-consciência) potencializa a escavação de geografias que desafiam a *res extensa* e o regime representacional. Ele convoca que se questione como as agências moventes se manifestam entre afetos entrecruzados e misturados.

COMO OS CORPOS SE (DES)ENCONTRAM CONSIGO MESMOS?

Me olho no espelho, mas não sou eu que estou ali. Do lado de cá, o que vejo são conjuntos de curvas, massas e outras coisas desencontradas. “Quem sou/é esse?”: Pedacos estranhos que me olham e que não consigo identificar exatamente. São partes daquilo que está atrelado a meu corpo, mas que parecem uma coisa-outra. Um não sei bem o que me toma em desencontro e estranheza quando observo que o reflexo se move em conjunto com os meus movimentos. Desejo-desejante irrefreável

de não ser aquilo que estou habitando: “Aquele não sou eu, faltam-me o restante dos pesos”, talvez me indague face ao meu duplo dismórfico.

Permeado pela estranheza, olho novamente para o espelho e continuo não me vendo ali. Talvez foram os quilos perdidos que tinham algum sentido. “O que esse/eu faz aqui nesse reflexo falseado?”. Já fazem mais anos que perdi esses quilos do que que os contive, porém continuo a sua procura no meu reflexo. Me desencontro com meu corpo no perturbador abraço da dismorfia. Essa pele estranha que me toma não condiz com o peso na balança: “Será que cabe reduzir mais uma refeição? Será que deveria cortar outro carboidrato?”, por vezes me questiono face ao meu duplo dismórfico.

O espelho me olha e reconheço que aquele é um corpo-outro. O meu corpo tem outras cicatrizes, contornos e meandros – definitivamente não é esse que observo. Esse duplo que me olha é apenas um estranho que, de algum modo, movo como se fosse eu mesmo – estranhamento e desencontro, incômodo e vontade de quebrar o véu onde ele se esconde. A dismorfia me toma por completo, não sei quem me olha no espelho e também não sei para quem olho – só sei que não sou/somos eu/ele. A culpa cresce nos recônditos do espírito: “Preciso comer menos”, esporadicamente ecoo face ao meu duplo dismórfico.

A vulnerabilidade do corpo emerge como parte da condição de ser-no-e-do-mundo. Como relato na vinheta, ao me olhar para o espelho e dismórficamente me desencontrar com meu duplo, a extensividade geométrica do meu corpo próprio é rompida pelo corpo vivido. A experiência da dismorfia, na condição de distúrbio psiquiátrico, faz com que eu não me veja no reflexo que olho todos os dias no espelho. Ainda me enxergo com os mais de 40 quilos que perdi há mais de meia década. O peso foi embora, mais algo dele permanece como quem sou. *O que esse meu corpo revela?*

De certo modo, ele aponta para o que Merleau-Ponty (2000) discorre ao discorrer que ao sentir o corpo também estamos sentindo uma determinada postura de mundo, uma relação mundana do corpo consigo mesmo. Entremeio a esquemas corpo-perceptivos pautados na minha pretérita obesidade, ainda me movo e sou movido pelo mundo como se os quilos a mais estivessem lá, pois suas cicatrizes e estrias permanecem na condição de afetos que ecoam nos desencontros com o espelho, a balança e a escolha de vestimentas.

Corpos não precisam estar sempre encontrados consigo mesmos porquanto sua unicidade com a consciência e o mundo é também fonte de sua vulnerabilidade primacial. Odeio e amo com a intensidade que *me vejo e não me vejo* no corpo que estou condenado a habitar em e ser habitado por. Com base nessa condição, vislumbro que os corpos revelam potências que podem ou não estar em convergência consigo mesmos. Eles são, destarte, essa *coisa-outra* que é também essa *coisa-eu-mesmo* que se apresentam como fenômenos que desafiam qualquer representação ou pretensão de extensividade.

Uma *geografia do que acontece* é certamente revelada pelos (des)encontros dos corpos com os outros. Contudo, ela também se desvela nos (des)encontros dos corpos consigo mesmos porquanto, como discorre Queiroz Filho (2018, p.85), “aprender a ter um corpo implica em aprender a ser afetado”. Superfície e protuberância sensível, os corpos afetam e são afetados pelo mundo, pela geografia e pelas fraturas experienciais que os flagelam. Ser corpo é estar vulnerável à dor de sentir saudade tanto quanto à felicidade de vislumbrar um sorriso de canto de boca entremeio a um café.

Em sua busca por aquilo que há de acontecimental e que satura os fenômenos, os horizontes mais-que-representacionais desvelam corpos que, como o (m)eu, podem estar sobrecarregados ou oprimidos. Inspirado na fenomenologia merleau-pontiana, Thrift (2008) discorre que a relutância, resistência e sofrimento que os corpos suportam não é uma condição anormal, é parte de sua carnalidade. A vulnerabilidade corporal é componente fundacional da vida e das geografias afetivas que dela irradiam.

Embora ainda não tenha aprendido a reabitar e a ser reabitado pelos afetos conascentes desse corpo *onde estou/que sou* em função da dismorfia, esse processo me desnuda a importância das afetações para deslocar o pensamento em superação à extensividade e as representações. Sensível-senciente, visível-vidente, tocado-tocante, flagelante-flagelado, os corpos pulsam entre potências de afetos realizados e imaginados: são *corpos-para-relacionar-se-com* si mesmos e os outros ante a elementos simbólicos a serem interpretados.

O que os corpos revelam é que aqueles que neles coabitam são também corpo quando agem (Hoffman, 2006). Por mais que possa ser usado durante uma ação, o corpo é irreduzível à condição de um instrumento ou máquina cartesiana. Ele é a dor que flui e a própria possibilidade de sentir a dor. Vulnerabilidade pulsante, ele é

deslocamento acional e afetivo situado em geografias acontecimentais, situacionais e instáveis. Corpos se transformam e impelem transformações, ainda que (ou justamente porque) se desencontrem consigo mesmos.

Entrelaçado no movimento perpétuo de entre-atravesamento corpo-mundo, a topologia vivente do corpo estraçalha a extensividade porquanto sobrepõe tempos e espaços no envelopamento da sua mobilidade (Morris, 2004). Destarte, a lógica das espacialidades em que os corpos operam evocam aquilo que acontece como um ponto nodal por onde os fenômenos se saturam. Nesse processo, a análise representacional apenas captura um ponto dessa motricidade, sendo fundante também buscar aquilo que a extravasa.

Revelada para além das representações, a corporeidade é um devir, uma virtualidade da mobilização de entrecruzamentos mundanos que recorrentemente se (des)encontram. Os corpos são entidades ativas que irradiam afetos, afetações e ambiguidades. Inspirada na fenomenologia merleau-pontiana, Dufourcq (2012) ressalta esse elemento ao reiterar que os corpos se manifestam como entidades diacríticas. Por essa razão, a tentativa de sua representacionalidade, de ser simbologia ou reflexo de algo é apenas isso: *uma tentativa* permeada por elementos que extravasam das suas bordas.

Fenômenos corporificados são permeados por (des)encontros e excessos. Eles são vivos porquanto saturados do (im)pensado e (in)visível emergente dos poros de suas vulnerabilidades. Estar/Ser corpo é sofrer/amar/viver com/nas possibilidades diacríticas porquanto o próprio corpo exige diariamente esforço para continuar no mundo, como provoca Thrift (2008).

Eles são corpos-em-ação – matéria e movimento (Hoffman, 2006); tempo e espaço (Murchadha, 2015) – continuamente intencionais. Simultaneamente, eles operam de modos incognoscíveis, inesperados e perturbadores. Para retomar o que exemplifiquei no início da seção, por mais que eu esteja há anos em tratamento para a dismorfia, ela aparece lá/aqui quando eu menos espero – por vezes me forçando a fazer coisas que cognitivamente entendo que não deveria fazer contra/com o corpo que estou/sou.

COMO FICAM OS CORPOS(-CIBORGUES) NOS CONTEXTOS DE INTERCORPOREIDADES NÃO-HUMANAS?

Nasci com um problema mecânico. Pelo menos esta foi a forma ao qual o médico optou utilizar ao se expressar em 2018. Nosso corpo é um sistema com engrenagens complexas e as vezes imperfeitas, passíveis de serem corrigidas ou substituídas. A utilização da expressão “problema mecânico” veio bem a calhar: o tique-taque cardíaco lembra os ponteiros de um relógio, marcadores de ritmos, dono de cadências ímpares e capazes de registrar a passagem do tempo. Meu problema era uma válvula cardíaca, que, segundo o relatório médico, aumentava sua incompetência paulatinamente. O momento de uma cirurgia de peito aberto estava por vir.

Espectralmente, as agruras associadas a um futuro não muito preciso no tempo atingiram-me em cheio. Uma afetação esplêndida; um transbordo de ansiedade capaz de acamar um corpo, cujo quadro clínico geral não era para tanto. Enfim o momento chegou. Fui avisado em 2022 pelo cardiologista. Uma válvula mecânica substituiu a válvula incompetente. Tive a opção de escolher válvula de origem animal, mas optei pela mecânica: ela me faz tomar um comprimido por dia para evitar coágulos e, em ambientes bastante silenciosos, o seu tique-taque é impetuoso. Qualquer submersão em uma piscina, situação na qual o silêncio reina, sou lembrado de sua existência: um tintilhar que parece exigir que eu agradeça por estar vivo. Sendo justo, não é a primeira intervenção que me fez ciborgue. Um implante dentário que já realizei me colocou previamente nesta posição.

Xenotransplantes e próteses são expoentes de trocas que envolvem o corpo humano e o mundo exterior. Peças mais-que-humanas que, devido aos prodígios dos avanços da medicina, formam o corpo-pastiche. A tentativa humana em melhorar o bem-estar e prolongar a vida resultou nessas hibridizações corpóreas. Isocronicamente, glorificamos o avanço técnico e percebemos a fragilidade do corpo que aprisiona nossa consciência.

Em acordo ao que discorre Abram (2010), ao criar próteses e casulos tecnológicos, o corpo que pulsa pela troca com o mundo é invadido por intermediações que causam estranheza ao sistema nervoso. Esse intercâmbio que garante a extensão da vida é também uma forma de modificação intercorporificado da temporalidade intrínseca à espacialidade primacial em que habito/sou habitado. Ela faz com que o coração continue a pulsar, mas ao mesmo tempo me torna parte de um arranjo relacional heterogêneo que envolve e supera o ser humano, uma espécie de ciborgue.

Todo sólido é uma crosta que se apresenta como um *frame* captado de um dinâmico movimento degenerativo ou incorporador (Ingold, 2007). Essa máxima se aplica também para a interioridade dos nossos corpos, cujas funções modificam sua morfologia, cadência e funcionalidade ao longo do tempo. O tempo, inexorável, deforma a funcionalidade da mecânica do nosso corpo e nos aproxima irremediavelmente da finitude. Ciborgue, esse corpo pulula temporalmente diferentemente, com um sistema nervoso que se (des)encontra com aquilo que sou ao possibilitar uma outra forma de vir-a-ser que adia o deixar-de-ser.

Nesse sentido, os corpos-pastiches não são criados *ex-nihilo*; corpos são junções bio-físico-químicas que, em conjunto, geram um produto que é muito maior do que as somas de suas partes. A condição ciborgue, como àquela que “soluciona” o problema mecânico nas pulsações do meu peito, é partícipe dos enredamentos intercorporificados de entidades heterogêneas que se somam aos arranjos (des)encaixados que compõem os corpos.

Assim como as paisagens são constructos eco-técnico-simbólicos, conforme desnuda Berque (2014), os corpos são constituições hifenizadas, metamórficas que adjuntam diferentes dimensões sobrepostas. No coração que pulsa eco-tecnicamente paira também um elemento simbólico de transmutações ciborgues difractoras-refractoras de afetos que isocronicamente envolvem e superam as condições cíclicas dos tempos-espacos humanos.

Híbridos, mesclados e estranhos, corpos(-pastiche) são composições relacionais que pulsam rumo à cadência da sua própria finitude que, por vezes, pode ser temporariamente suspensa por afetações maquinicas. Cada “peça” ou prótese acrescentada é uma intrusão não humana que afeta a intercorporeidade que compõe o arranjo corporal. Inserido na multiplicidade de contextos de entrecruzamentos, os corpos revelam-se como intrinsecamente atravessados por outros corpos – humanos ou não – que nele penetram.

A inexorabilidade da morte é mais uma troca entre o corpo tornado inanimado e o mundo. A frase comumente atribuída a Antoine Laurent de Lavoisier, “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” é um axioma válido para a compreensão do arranjo dos enovelamentos e transmutações: entre somas, subtrações, divisões e exponencialidades, o mundo mais-que-humano exhibe impetuosamente sua cadência, reorganizando partes em colisão e fazendo com que

os arranjos que entremeiam corpos – em um sentido mais extensivo da palavra – se reorganizem ao sabor das dinâmicas que o tempo impõe.

Conforme explicita Ingold (2000, p.376, trad.), “o corpo humano não nasce pronto para nada, mas passa por mudanças contínuas ao longo da vida conforme é impelido à performance de tarefas diversas”. Face às sorrateiras aproximações da inexorabilidade do tempo apresentado como envelhecimento, as cadências transformativas podem revelar corpos plasmados de cicatrizes, próteses e relações. Os corpos(-pastiche), ciborgues ou não, são desvelamentos de deiscências hibridizadas inseridas em arranjos relacionais heterogêneos.

O QUE OS CORPOS E SUAS AFETAÇÕES REVELAM EM TRANSCENDÊNCIA AOS HUMANOS?

As relações mais-que-humanas deslocam o eixo de análise antropocêntrica, tão bem consolidado pelo modernismo filosófico. Fala-se, recentemente, em *flat ontologies*, termo guarda-chuva aplicado a um conjunto de abordagens que buscam quebrar esquemas classificatórios usualmente concebidos pela geografia que resultam em modos binários ou hierárquicos de pensamento (Ash, 2020).

As *flat ontologies* são marcadas por conceberem noções indiferenciadas de ser/existir. Muitas reflexões a elas associadas argumentam que achatar as entidades em um mesmo plano faz com que as leituras relacionais podem ser desenvolvidas sem tornar as entidades-em-relação simétricas ou iguais. Na prática, isso significa dizer nas *flat ontologies* o ser humano não possui a primazia analítica. Isto, contudo, não implica que deverão ser analisados da mesma forma que cogumelos ou escorpiões. Um efeito colateral do esforço de correlacionar entidades heterogêneas sem predileção é a tendência de recorte extremamente particularista da abordagem (Ash, 2020).

Em meio aos desafios aqui explicitados, é razoável conceber que um dos caminhos da horizontalização ontológica é a compreensão dos afetos. Como aludido previamente pelo uso do conceito nas seções precedentes do ensaio, afetos são capacidades intercorporificadas de *afetar e de ser afetado* por algo. Afetos se irradiam de objetos, pessoas, lugares, paisagens ou entes que podem afetar outras entidades e que por elas são *afetadas*. De acordo com Lorimer (2008), o afeto é algo que se distribui entre, fora e dentro de corpos (humanos ou não), de forma a incorporar

elementos tangíveis e intangíveis, simbólicos, materiais, imaginários, sensoriais, perceptivos etc.

Se, como explicitam Dewsbury et al. (2002, p.439, trad.), “afetos não são sobre você ou ele/aquilo [i/f], sujeito ou objeto. Eles são relações que inspiram o mundo”, as afetações são entrelaces transcorporificadas que se manifestam nos encadeamentos de arranjos relacionais heterogêneos. Outrossim, em acordo à discussão de Anderson (2014), os afetos envolvem *forças de existência* variadas que se situam para além das mudanças puramente fisiológicas das peças anatômicas que parcialmente compõem os corpos.

Afetos podem advir de entidades viventes ou não, como exemplifica a válvula mecânica que *afeta* o coração, fazendo-o bombear o sangue para o restante do corpo. Já no caso do corpo dismórfico, evidencia-se que ele é *afetado* pelo corpo-pretérito com quilos adicionais e pelo olhar no espelho, de modo a, por sua vez, *afetar* psiquiatricamente aquele que o habita. Evidencia-se, destarte, que no âmbito da corporeidade os afetos sintonizam diferentes tipos de corpos para aquilo que eles podem fazer entremeio às tessituras de arranjos relacionais heterogêneos em que eles se inserem.

Por meio do afeto é possível entender o nível *flat* e mais-que-representacional das agências que se entrecruzam nos corpos. Produzidos e transmitidos no/pelos/para os corpos, os afetos ocorrem entremeio à vida que simultaneamente os multiplica (Lorimer, 2008). Afetos situam as entidades em um nível ontológico plano porquanto desconsideram que haja uma preponderância do humano enquanto vir-a-ser central. Ser afetado refere-se a um nível corporal pré-representacional e, ao mesmo tempo, à uma capacidade mundana excessiva que satura os fenômenos para além de sua representacionalidade (Anderson, 2014).

Analisar o corpo em meio à teia de relações inter/transcorporais exige quebrar dicotomias que o consideram em oposição à sua exterioridade, como se o corpo existisse e se constituísse física e mentalmente de maneira independente das relações que o envolvem. As potências do afetar e do ser afetado revelam que os corpos são porosos e excessivos porquanto permeados por transmutações contínuas advindas dos (des)encontros intercorporificados. Embora constituídos por resistências, eles se compõem de fato nas suas aberturas eco-técnico-simbólicas.

Conforme analisa Abram (1996), no caso da nossa espécie isso é evidente no contato com aquilo que não é humano. Como seres primacialmente convergentes ao

relacionar-se-com e *afetar-ser-afetado*, os o que os (nossos) corpos revelam são entrecruzamentos de conexões intercorporificadas – sejam elas com válvulas mecânicas, com espelhos em que não vê a si próprio, com animais não humanos, com plantas, com fungos ou com outras entidades. Por meio dos arranjos relacionais heterogêneos e das tessituras de afetos híbridos ou ciborgues, os corpos se compõem em nexos relacionais permeados por saturações e excessos que desafiam a representação e a dicotomização.

Ocorre que, conforme discorrem Van Bommel e Boonman-Berson (2022), a experiência corporificada é partilhada diacriticamente entre humanos e outros não humanos. Essa forma de vir-a-ser-intercorporal envolve mutualidades intersubjetivas em que o horizonte linguístico e representacional é insuficiente para trazer ao cerne os excessos que extravasam pelas bordas. Diacríticos, os afetos conascentes nas dinâmicas intercorporificadas se plasmam na geografia primacial das conexões dos arranjos relacionais heterogêneos.

Afetos, relata Anderson (2014) são transpessoais no sentido de que eles são experienciados (in)diretamente nos (des)encontros relacionais que permeiam lugares, paisagens, pessoas (humanas ou não) ou coisas. Seja ao afetar ou ao ser afetado, os seres-no-e-do-mundo são coletivamente emaranhados pelos afetos que os flagelam, que deles se irradiam e que os impelem ao mover diacrítico da existência. Misturados àquilo que permeia a coexistência, os afetos desafiam o olhar antropocêntrico porquanto suscitam a atenção para intencionalidades situadas além do humano – que, por sua vez, remetem às convergências inter e transcorporais da experiência.

Corpos-para-relacionar-se-com si mesmos e os outros revelam que há articulações complexas de afetos que difratam, irradiam e convergem em horizontes de lugares e paisagens experienciais. Tratam-se de aglutinações diacríticas e quase-alquímicas, misturas primaciais e saturantes que extravasam às possibilidades representacionais. Na geografia primacial da (inter)corporeidade, as relações decorrem da condição de que os próprios corpos são formados entremeio às reciprocidades de formatos, entidades, objetos, fenômenos, atmosferas e expectativas da terra que eles grafam ao mesmo tempo em que por ela são grafados.

Em acordo a Abram (1996), é fundamental vislumbrar que no caso dos seres humanos, por exemplo, os olhos evoluíram para observar *esse planeta*; os ouvidos de modo a escutar os súbitos cânticos de predadores ou presas; o tecido háptico da pele, pronto para esquivar de perigos e para ser acariciada na conjunção sexual. Pronto ao

relacionar-se-com, dispostos para se arranjam em mundos mais-que-humanos que reúnem formas de existência intercorporal, intersubjetiva e transpessoal: corpos advindos de junções bio-físico-químicas-afetivas-eco-técnico-simbólicas-temporo-espaciais – e mais outros hifens que poderiam ser acrescentados.

A transcorporeidade nos conduz à percepção acerca de entidades errantes tais como o corpo-verrucomicrobia, corpo-prótese, corpo-protético, corpo-dismórfico, corpo-violado, corpo-(des)encontrado, corpo-errante, corpo-implante, dentre inúmeras outras associações que descentram o protagonismo do corpo humano e descortinam a lógica da encruzilhada de corpos. O hífen, frequente na escrita de trabalhos associados às *flat ontologies* e, por consequência, às geografias mais-que-humanas, são estratégias de comunicação que estimulam a consideração das indissociabilidades corpóreas, como fez Ingold (2012 [2010]) ao aludir ao peixe-na-água e a árvore-no-ar.

Corpo-que-anda, corpo-perdido, corpo-lugar, corpo-paisagem, corpo-território, corpo-sem-deslocamento, corpo-fora-de-si, corpo-com/sem-libido, corpo-em-busca-de-si, corpo-morto, corpo-envelhecendo, corpo-doente, corpo-sendo-cuidado, corpo-desamado, corpo-em-terapia, corpo-prostrado, corpo-digitando-esse-texto, corpo-lendo-o-texto e *assim por diante*. *O que os corpos revelam que não a própria potência intercorporal do devir-lugar e do devir-paisagem como inescapabilidade da força mais-que-humana de ser-no-e-do-mundo?*

A performatividade dos corpos ocorre como entrelace de potências em mutualidade de atravessamentos em devir. Continuamente transformantes-transformados e constituintes-constituídos, os corpos(-consciências) se (re)significam por meio da sua intencionalidade motriz de forma a eles mesmo serem uma espécie de linguagem que inscreve o real por meio das (inter)relações afetivas em que participam, produzem ou são produzidos (Bolt, 2004).

O corpo-em-relação, como corpo-em-ação traduzido nas hifenizações, está submetido a uma pluralidade de situações dinâmicas que muitas vezes são antagônicas: os vazamentos excessivos de um dado *frame* corpóreo podem ser temporalmente vizinhos de períodos de contenção. Há algo que parece sempre extrapolar, saturar e extravasar nos arranjos afetivos de entidades heterogêneas que convergem entremeio aos nexos acontecimentais dos lugares.

O caráter mais-que-extensivo das geografias *com/dos/pelos* corpos desdobra-se da condição de porosidade a eles inerentes. Mais que objeto, criação *ex-nihilo* ou

res extensa, cada corpo é uma entidade inacabada-indeterminada. Corpos se locupletam nas relações e afetações que os (re)fazem e que possibilitam os horizontes de significações por onde eles se realizam. Basta se questionar, como o faz Abram (2010), se seria possível pensar no seu corpo sem a água, os vermes, as bactérias, os bacilos, os fungos, os minerais e a pluralidade de outras entidades telúricas que o compõe.

Corpos entrelaçados em tempos-espacos sobrepostos revelam geografias de ressonâncias afetivas porquanto afetos são movências que constantemente infundem as práticas corporificadas (Anderson, 2014). Eles se coalescem nas fronteiras do (im)pensável entremeio às possibilidades de arranjos instáveis por onde se manifestam e criam convergências multissensoriais. Afetar e ser afetado é condição das irrupções que partilham das interações de arranjos mais-que-humanos que compõem a condição primacial da intercorporeidade por onde os lugares e as paisagens se significam.

Para além do meramente humano, os corpos revelam *geografias do que acontece* porquanto são vetores para a emergência em-e-entre [*in-between*] fenômenos relacionais. Concordante a Pyry e Aiava (2020), ainda que possa remeter a dimensões pessoais, os afetos perpassam pela inexorabilidade da intercorporeidade e da intersubjetividade que convalesce na coletividade das situações geográficas. Ao acontecerem, os fenômenos extravasam as representações e criam contágios, dispersões e multiplicações de afetos que ocorrem *com, entre e por meio de* corpos humanos e não-humanos.

O balé dos corpos inspira reflexões mais-que-humanas que nos conduzem a fazer leituras interessantes sobre arranjos relacionais heterogêneos que envolvem corpos em redes afetivo-perfomáticas tais como as desnudadas por Barua (2014) envolvendo o arroz, o Sulai, os elefantes e os humanos na Índia. Bases epistemológicas similares conduziram Ojalammi e Blomley (2015) a expor e analisar cadeias de relações entre lobos, ovelhas e humanos na Finlândia. Tratam-se de entrelaces de geografias que envolvem e ultrapassam os humanos.

Inescapavelmente mais-que-humanos, os lugares e as paisagens são envoltos pelas tessituras afetivas e intercorporais dos arranjos relacionais heterogêneos. Nas suas sobreposições de (des)encontros e coexistências, os corpos-em-relação-e-afetação operam regimes acontecimentais multidimensionais em que os componentes eco-técnico-simbólicos têm suas fronteiras crescentemente borradas e seus

fenômenos saturados. Essa dimensão excessiva e saturante perpassa pelas transcorporeidades da experiência geográfica em-e-entre multiplicidades de afetos superpostos.

Segundo Bolt (2004, p.82, trad.), “por meio de seus movimentos, velocidades e ações, a *assemblage* inverte o estrato, bifurca e cria novos campos do possível”. Desse modo, cada arranjo relacional é também emergência que muda significados ao mesmo tempo em que transforma a maneira como criam-se significados. Nos novos campos do possível que se abrem pela transcorporeidade de cada lugar e paisagem afetiva, os *corpos-para-relacionar-se-com* se presentificam acontecimentalmente na indissociabilidade mais-que-humana de somas, subtrações, divisões e exponencialidades entre entidades.

Cada experiência do espaço também revela sentidos dos limites dos corpos (Marratto, 2012), das suas potências e das suas indissociabilidades com a pulsão das geografias do que acontece. Mais-que-extensivos, os corpos são experiências-experienciadas, habitações-habitadas, constituintes-constituídos da realidade geográfica posta em devir pelas confluências interafetivas da condição de serem *corpos-para-relacionar-se-com* mundos, lugares e paisagens que com eles se co-constituem em nexos mais-que-representacionais e mais-que-humanos.

Nos arranjos relacionais heterogêneos em que se situam, os corpos são vislumbrados no em-e-entre das suas intencionalidades pluritópicas que hifenizamos por conta de seu caráter diacrítico, em-afetação e mais-que-extensivo, à semelhança do impelido por Ingold (2012 [2010]). Nessa comunhão das suas partes e de suas diferenciações, evoca Marratto (2012), os corpos são totalidades inter e transcorporais que convocam a uma pluralidade de demandas de espacialidade e espacialização.

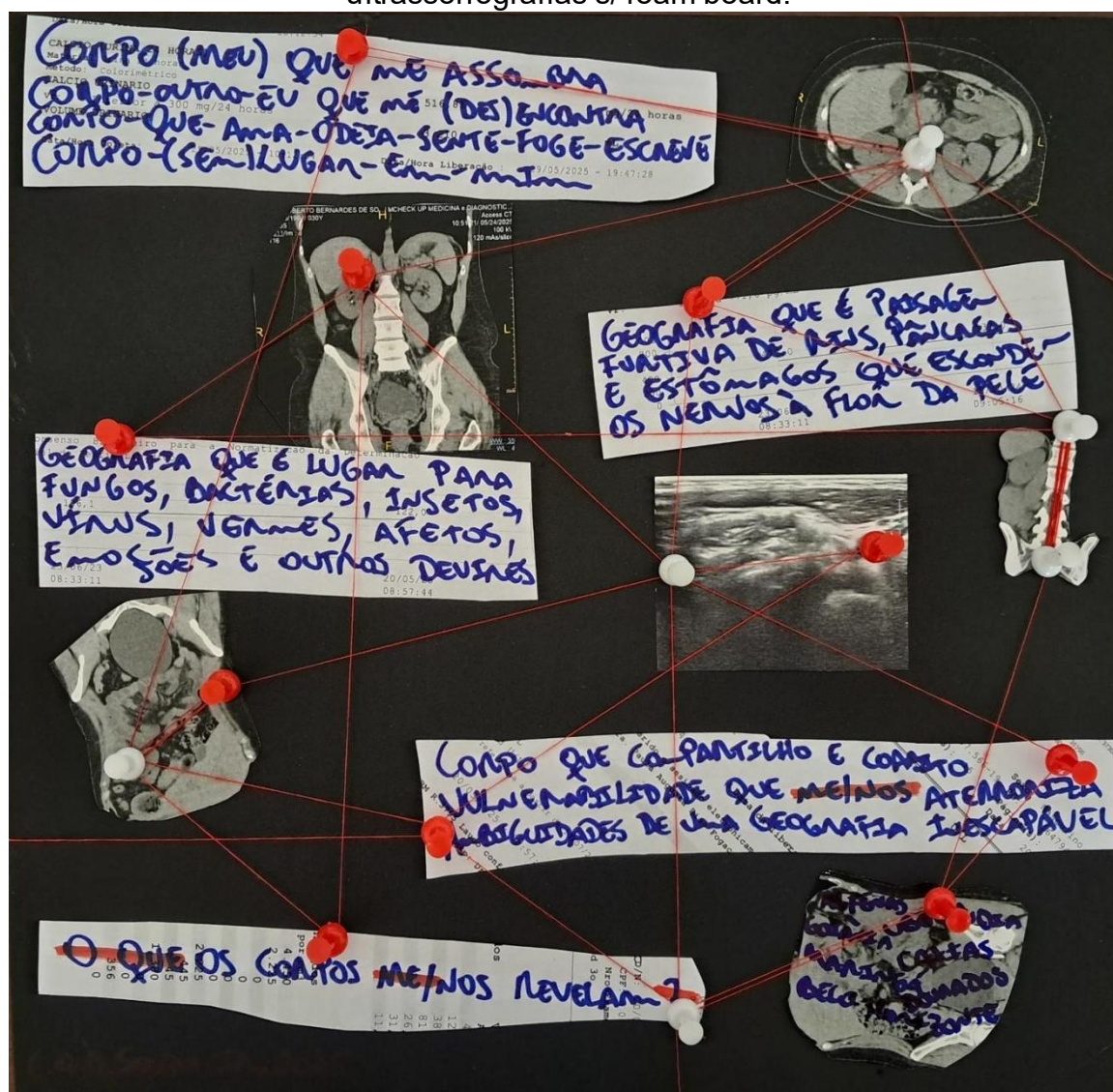
Nesse sentido, a geografia tem muito a dizer sobre a inter e a transcorporeidade: o espaço é um palco dos entrelaces que abrigam afetividades e performances. Não é um meio neutro e isotrópico; diferentemente, é um operador ativo do dinamismo dos arranjos relacionais heterogêneos. Co-constituído pelo espírito e por uma miríade de outras entidades, todo corpo – no âmbito da justeza teórica – merece um hífen ligado ao espaço; e todo corpo, precisamente, é uma coleção de hifenizações que denotam suas acionalidades, excessos e saturações fenomênicas: é corpo-em-ação-e-afetação e corpo-para-relacionar-se-com.

Corpo de experiência geográfica, impelem Silva e Arruda (2021) e Queiroz Filho (2018), é ao agir que os impulsos emocionais corporificados extravasam pelos poros.

Eles fluem em irrupções afetivas multifacetadas que conjuntam seres em um balé mais-que-humano de experiências. Nesse tintilhar, partilha-se das virtualidades de fazer-se ciborgue tanto quanto de se constituir pós-humano no infundir-se da fertilidade terrestre do tornar-se-com os cachorros, escorpiões ou até mesmo os elefantes.

Talvez por isso, como afirma Marandola Jr (2018, p.), possa-se vislumbrar que “Os lugares nos constituem, entendidos enquanto emergência e movimento. As formas-de-vida, como situacionalidades, permitem pensar outras geografias, no limiar da reunião e da dispersão”. *Onde/aqui* originário, o corpo é geografia primária em que aquilo que é um constituinte-constituído se (re)faz continuamente no (des)encontro de afetos consigo mesmo e com os outros humanos e não humanos. Por isso, parece-me, como primeiro autor, impossível não remeter à construção poética (Figura 1) de sensoriamiento proximal sobre a condição dessa *minha/nossa* corporeidade.

Figura 1 – O que os corpos revelam? [Experimentos em sensoriamento proximal] (2025), linha de costura, alfinetes, resultados de exames laboratoriais, tomografias e ultrassonografias s/ foam board.



Fonte: Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior, 2025.

É no agir, como convite para o (des)encontrar com mundos e entidades, que *eu-outro-nós* formam as tessituras pelas quais as geografias dos/com corpos são mobilizadas. Na pulsão afetiva em-e-entre experiências geográficas, cada lugar e paisagem é ancorado na indissociabilidade com os corpos vividos: *corpos que afetam e são afetados, que pulsam em experiência, que se tornam ciborgues porque se recusam a morrer e que talvez lutem consigo mesmos porque não conseguem sequer se reconhecerem nos espelhos.*

O QUE OS CORPOS (NÃO) REVELAM? (OU, CONSIDERAÇÕES QUASE-FINAIS...)

O que um corpo dismórfico, em desencontro consigo mesmo, e um corpo ciborgue, que enfrenta a falha mecânica, revelam um sobre/com o outro? Talvez que somos vulneráveis, pois os porosos corpos que coabitamos são partícipes de entrelaçamentos mais-que-humanos de onde irrompem-se múltiplos afetos. Apesar do corpo ser incapaz de controlar a qualidade de todo afeto que recebe, não é adequado dizer que o caos o domina; afinal, o afeto pode mover o corpo a performar de modo a buscar novo arranjo relacional palatável à consciência. Para além da possibilidade de significação, no nível diacrítico os corpos *não* revelam suas resistências e aberturas, mas suas (im)potências de devir-no-e-do-mundo.

Mais que revelar algo, o corpo ciborgue e o corpo dismórfico desvelam a complexidade das articulações corpo-consciência. No seio dos arranjos relacionais heterogêneos, *corpos-para-relacionar-se-com* são situados em ontologias planas que suscitam o vislumbre das sobreposições, justaposições e atravessamentos de incompletude. Na similitude e nas distinções de suas pulsantes vulnerabilidades, eles desnudam nossa fragilidade ao mesmo tempo em que salientam as virtualidades decorrentes da corporeidade.

Em transcendência às representações, evidencia-se que os corpos são elusivas ambiguidades diacríticas. Os movimentos corpo-mundo, de onde nascem as *geografias do que acontece*, acumulam horizontes (des)encontrados emergentes dos entrelaçados excessos e saturações fenomênicas.

A convergência de afetos em-e-entre nexos acontecimentais dos lugares coadunam nas (dis)junções que fluem nas pulsações (inter/trans)corporificadas da realidade geográfica. Humanos ou não, ciborgues ou dismórficos, os corpos são (co)movidos e arrebatados por aquilo que afetam e que são afetados. Na condição de *onde originário*, os corpos se transmutam continuamente em horizontes de devir-juntos (in)determinada nos ecos das acontecimentalidades situacionais dos lugares e das paisagens.

O que interessa ao *tentar* entender o que revelam os corpos são esses componentes acontecimentais e misturados que se manifestam como sobreposições de seres, lugares e paisagens (des)encaixadas. Por meio dos corpos e dos seus complexos entrelaçamentos, podem-se encontrar as dinâmicas do (in)esperado,

(in)visível, (in)tangível e (im)possível emergente nos arranjos de entidades heterogêneas em que eles coexistem com irradiações de afetos angulados e multifacetados.

Hifenizados, híbridos e pluritópicos, (des)encaixados entre tempos-espacos, os corpos podem ser compreendidos nas suas convergências inter/transcorporificadas *com/na/da* realidade geográfica. Para além da escavação do (im)possível que flui em dinâmicas intercorporais mais-que-humanas, as irradiações afetivas apontam para as convergências mais-que-representacionais do vir-a-ser-corpo. Vulneráveis à Terra e as suas infinitudes de grafias, os corpos coreografam geo-grafias de entrelaçamentos transcendentais à *res extensa*.

O que os corpos revelam? Na sua dança de devir-juntos, talvez a inexorabilidade do *relacionar-se-com*. Na sua (im)potência, quicá a indeterminação e a finitude – o deixar-de-ser – que simultaneamente nos preenche e ameaça. Na sua condição de *onde original*, os corpos convocam a pensar como somos habitados e coabitamos em mundos entrelaçados, (des)encontrados e prenhes em geografias mais-que-extensivas, mais-que-representacionais e mais-que-humanas.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, D. **Becoming Animal**: an earthly cosmology. New York: Vintage Books, 2010.
- ABRAM, D. **The spell of the sensuous**: perception and language in a more-than-human world. New York: Vintage Books, 1996.
- ANDERSON, B. **Encountering Affect**: capacities, apparatuses, conditions. London: Ashgate, 2014.
- ASH, J. Flat ontology and geography. **Dialogues in Human Geography**, v.10, n.3, p.345-361, 2020.
- BARUA, M. Volatile ecologies: towards a material politics of human -animal relations. **Environment and Planning A**, v. 46, n. 6, p. 1462-1478, 2014.
- BERQUE, A. Un changement de paradigme ?. In : BERQUE, A. ; MAUPERTUIS, M. ; BERNARD-LEONI, V. (Orgs.) **Le Lien au Lieu** : Actes de la chaire de mésologie de l'Université de Corse. Éditions éoliennes : Paris, 2014, p.259-270.
- BERQUE, A. **Écoulène**: Introduction à l'étude des milieux humains. Belin : Paris, 2000.
- BOLT, B. **Art beyond representation**: the performative power of the image. London: I. B. Tauris, 2004.

DEWSBURY, J. D.; HARRISON, P.; ROSE, M.; WYLIE, J. Enacting geographies. **Geoforum**, v.33, p.437-440, 2002.

DUFOURCQ, A. **Merleau-Ponty**: Une ontologie de l'imaginaire. New York: Springer, 2012.

GRANGE, J. Place, body and situation. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Orgs.) **Dwelling, place and environment**: towards a phenomenology of person and world. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p.71-85.

HITCHINGS, R. People, plants and performance: on actor network theory and the material pleasures of the private garden. **Social & Cultural Geography**, v.4, n.1, p.99-114, 2003.

HOFFMAN, P. The Body. In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. (Orgs.) **A companion to phenomenology and existentialism**. Malden: Blackwell Publishing, 2006, pp.31-47.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos em um mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, ano 18, n.37, p.25-44, Jan./Jun., 2012.

INGOLD, T. Materials against materiality. **Archaeological Dialogues**, v.14, i.1, p.1-16, April, 2007.

INGOLD, T. **The Perception of the Environment**: Essays on livelihood, dwelling and skill. Routledge: London, 2000.

LORIMER, H. Cultural Geography : non-representational conditions and concerns. **Progress in Human Geography**, v. 32, n. 4, p.551-559, 2008.

MARRATTO, S. L. **The intercorporeal self**: Merleau-Ponty on Subjectivity. Albany: State University of New York Press, 2012.

MARANDOLA JR, E. Lugar e lugaridade. **Mercator**, v.19, p.1-12, 2020.

MARANDOLA JR, E. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida. **Geotextos**, v.14, n.2, 2018, p.237-254.

MERLEAU-PONTY, M. **A união da alma e do corpo**: em Malebranche, Biran e Bergson. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza**: curso do Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **Signes**. Paris: Gallimard, 1960.

MORRIS, D. **The sense of space**. Albany: State University of New York Press, 2004.

MURCHADHA, F. Ó. Space, Time and the Articulation of a place in the world: the philosophical context. In: RICHARDSON, B. (Org.) **Spatiality and symbolic**

expression: on the links between Place and Culture. New York: Paulgrave macmillian, 2015, p.21-40.

OJALAMMI, S; BLOMLEY, N. Dancing with wolves: Making legal territory in a more-than-human world. **Geoforum**, v.62, p.51-60, 2015.

PYYRY, N.; AIAVA, R. Enchantment as fundamental encounter: wonder and the radical reordering of subject/world. **Cultural Geographies**, v.7, n.4, p.1-15, 2020.

QUEIROZ FILHO, A. C. **Corporema**: por uma Geografia Bailarina. Vitória: Editora do autor, 2018.

SILVA, M. A. S.; ARRUDA, C. Movimento como convite para fazer geografias: corpo, espaço e emoções. **Geografares**, v.32, p.1-17, 2021.

THRIFT, N. **Non-representational Theory**: space politics affect. New York: Routledge, 2008.

TRIGG, D. **The Memory of Place**: a phenomenology of the uncanny. Athens: Ohio University Press, 2012.

TSING, A. L. Unruly Edges: Mushrooms as Companion Species. **Environmental Humanities**, v.1, n.1, p.141-154, 2012.

VAN BOMMEL, S.; BOONMAN-BERSON, S. Transforming convivial conservation: towards more-than-human participation in research. **Conservation and Society**, v.20, n.2, p.136-145, 2022.

VETÖ, M. L'eidétique de l'espace chez Merleau-Ponty. **Archives de Philosophie**, v. 3, n.71, p.407-438, 2008.